

Um olhar pessoal sobre o nascimento de uma Escola...

MARIA CRISTINA CORRÊA FIGUEIRA

Ex Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, aposentada desde 2006

mccfigueira@netcabo.pt

Resumo

Este texto testemunha uma experiência pessoal e profissional. Traz o relato da vivência e do trabalho desenvolvido na fase inicial da implementação da Escola Superior de Educação em Setúbal. O Projeto de Formação Inicial teve como objetivo “formar professores felizes”, que se sentissem bem consigo próprios e na relação com os outros, capazes de estruturar espaços relacionais adequados ao desenvolvimento pessoal das crianças e dos outros adultos.

Introdução

Falar/escrever sobre os primórdios da ESE Setúbal é reviver uma inesquecível experiência com 40 anos de vida! É tentar explicitar, sem academismos forçados ou enquadramentos mais ou menos teóricos, o que realmente significou ser parte de uma experiência inovadora de

Abstract

This text testifies to a personal and professional experience. It reports on the experience and work developed in the initial phase of the implementation of the Higher School of Education in Setúbal. The Initial Training Project aimed to “train happy teachers”, who feel good about themselves and their relationships with others, capable of structuring relational spaces suitable for the personal development of children and other adults.

construção curricular, pela participação numa equipa multidisciplinar – o Projeto de Formação Inicial - que durante um ano letivo trabalhou sob a coordenação do saudoso Raúl Carvalho, na definição dos currículos para Educadores de Infância e Professores do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

As Linhas Orientadoras elaboradas pela Comissão Instaladora, Ana Maria Bettencourt, Maria Emília Brederode Santos e Teresa Martins, serviram-nos de referencial, como base de trabalho e ponto de partida. A equipa era constituída por professores das diferentes áreas de saber... os melhores, os mais comprometidos com o desejo de criar algo de novo, de dar respostas às expectativas da região, de auscultar e dar corpo a propostas científicas coerentes e inovadoras. Muitas vezes, aos “voos” dos mais teóricos ou de professores só com experiência noutros níveis de ensino, cabia aos “da prática”, o Rui d’Espinay (o nosso “mago” do Ensino Básico e da educação em geral!) e eu própria, ajudar a contextualizar, a pôr “os pés no chão”, alertar para as necessidades específicas dos níveis de educação e ensino em apreço, que iam desde bebés de berço até ao final do ensino básico!

Em simultâneo, teve início a Profissionalização em Exercício, como primeira resposta às prementes necessidades manifestadas pelas Escolas do distrito. Não tínhamos então espaço físico próprio... trabalhávamos onde era possível no edifício do Instituto Politécnico de Setúbal, onde, verdade seja dita, não éramos bem-vindos e a que então não nos ligava nenhum laço de afeto ou mesmo de reconhecimento!

Como dizia o nosso querido Raúl Carvalho: “trabalhar no cimentar de

uma Escola sem cimento nem tijolo, de uma Escola sem paredes, mas uma Escola com a vida que só a dimensão humana pode conferir!”

Nessa “Escola sem Paredes” éramos, no entanto, felizes! Sem exigências nem reclamações, passávamos, com uma alegria autêntica, os nossos dias! E. citando de novo Raúl Carvalho, “foram semanas na cozinha, em pequenas salas, nas escadas, em pequenos espaços onde pudesse caber mais de duas pessoas, no edifício sede do Instituto Politécnico, então teimosamente em obras.” Ao mesmo tempo arrancava a Profissionalização em Exercício na Sociedade Musical Capricho Setubalense, no Largo da Misericórdia. Generosamente disponibilizaram-nos todos os seus recursos, o palco, a plateia, os camarins, todos os espaços (im)possíveis de imaginar que existirem numa sociedade recreativa!

A esta distância parece difícil acreditar no espírito de colaboração, de verdadeira amizade, de profissionalismo e exigência, que fizeram desta experiência uma vivência pessoal e profissional inesquecível!

1. A Construção Curricular

O Perfil

O trabalho de construção curricular começou pela definição e consensualização de um conjunto de objetivos que pretendíamos servissem

de suporte ao corpo curricular que queríamos coerente, exigente e exequível.

O primeiro objetivo fundador que definimos foi o de “formar professores felizes”, que se sentissem bem consigo próprios e na relação com os outros, capazes de estruturar espaços relacionais adequados ao desenvolvimento pessoal das crianças e dos outros adultos.

Foram horas e horas de trabalho intenso e feliz, de muita discussão, sentindo a necessidade de ouvir os outros, de aprender e integrar diferentes olhares e diferentes áreas de saber, de uma discussão às vezes acesa e desafiadora, com avanços e recuos, mas sempre no caminho de um enriquecimento pessoal e coletivo.

Foi por isso o perfil do profissional que queríamos formar que nos serviu de ponto de referência e ajudou a definir objetivos gerais, organizando-se em eixos orientadores que permitissem estruturar conteúdos e estratégias formativas.

O Espaço Físico

Só após a definição dos objetivos formativos e horas incontáveis de trabalho passámos para a definição do Espaço/Escola como um referencial integrador e que proporcionasse uma dimensão humana, aco-

lhedora e securizante. Trabalhámos então no passo seguinte, na definição da Escola que queríamos, mas ainda não tínhamos fisicamente, enquanto a Comissão Instaladora procurava dar-lhe corpo no trabalho com a equipa de arquitetos chefiada pelo Arquiteto Siza Vieira.

2. Os Conteúdos Científicos e a Prática

Só então passámos ao novo e longo período de trabalho e discussão que foi a reflexão e as decisões sobre quais os conteúdos que deveriam fazer parte dos currícula, e em que proporção, quanto tempo de prática pedagógica e em que modalidades e alternância... enfim um sem número de problemas que se nos colocavam e necessitavam de respostas que a pouca experiência da maior parte dos participantes na formação inicial destes níveis educativos não tornava fácil. Se a competência científica dos membros da equipa era inquestionável, já a necessária articulação com a componente prática, o conhecimento das Escolas/Instituições educativas da nossa região, o próprio diálogo entre as áreas científicas como base segura e integradora dos diferentes saberes, tiveram que ser objeto de uma construção lenta e por vezes dolorosa, requerendo espírito de diálogo e muita humildade!

Esse foi o tempo mais difícil, mais conflituoso, em que as diferentes

áreas de saber emergiram reclamando mais tempos de aulas e relevância, mais conteúdos científicos necessários e, até imprescindíveis, e as reuniões de trabalho se tornaram mais agitadas e difíceis de gerir!

Valeu-nos o lastro do tempo bom em que negociámos aspetos mais consensuais, o clima de amizade e colaboração previamente criado e a coordenação pacificadora do Raúl Carvalho, com o seu coração do tamanho do mundo e a sua capacidade de gerar consensos.

Os currícula finais eram profundamente interdisciplinares, com disciplinas de nomenclatura criativa e propostas de projetos inovadores – as Atividades Interculturais como um tempo de aprender a Escola por de fora da Escola e que era integralmente passado nas comunidades do distrito, obrigando a uma logística de mobilização dos meios necessários para o alojamento e acompanhamento dos nossos estudantes durante uma semana; os projetos artísticos que mobilizavam a Escola como um todo (recordo o “Comboio Fantasma” entre outros), as Conversas à Quinta, e tantas outras atividades que faziam da ESE um espaço feliz de aprendizagem. Tão diferente então de um conjunto de disciplinas científicas que se sequeciam num horário espartilhado e, bem ou mal, arrumado numa lógica escolarizante.

Recordo de termos sido chamados a Lisboa, o Raúl Carvalho e eu

própria, para, a pedido do Dr. Afonso Costa, justificar os nomes das disciplinas, os seus conteúdos e as atividades propostas. E, na verdade em alguns casos, alterar os nomes e retirar, formalmente, as atividades que integravam os currícula, embora mantendo-as, de forma informal. Mantivemos, ainda assim, disciplinas como Conhecimento do Real; Expressões não Verbais e Conhecimento de Si Próprio; A Infância na Literatura Contemporânea; Temas Atuais; Globalização das Expressões; Pensamento Lógico-Matemático...

Na verdade, os nossos currícula eram então francamente fora da caixa e inovadores... e, sobretudo o clima da Escola era, todo ele, de um pleno investimento e entusiasmo no trabalho formativo que nos propúnhamos.

3. A Escola e a comunidade

Ao mesmo tempo desenvolveram-se projetos comunitários (PETRA e Igualdade de Oportunidades) ou da UNESCO (CIMA), nacionais (MINERVA e ECO) e próprios (TV ESCOLAS, ADAPTE), bem como o início do desenvolvimento da atividade de formação contínua nos PALOP... sem pretender ser exaustiva!

Em paralelo com a Formação Inicial de Educadores e Professores do

1º Ciclo e a Profissionalização em Serviço de mais de 500 profissionais do Ensino Preparatório e Secundário, avançámos com o projeto de Formação Contínua dos professores do terreno, nossos futuros co-operantes.

Com a coordenação empenhada e inteligente da Lucília Salgado e o dinamismo que o Rui d’Espinay era capaz de emprestar ao trabalho de terreno, foram criados 13 polos nos 13 concelhos do distrito, que permitiram, através de encontros, seminários e partilha de experiências, a formação de cerca de 3.000 profissionais, garantindo a dinamização e animação sociocultural educativa do distrito ao mesmo tempo que criávamos as melhores condições de prática futura para os nossos alunos.

4. A Formação Inicial

Os primeiros cursos de Formação Inicial começaram a funcionar em 1987.

Primeiro na casa do Diretor da ex-fábrica Barreiros e em pavilhões pré-fabricados (a que chamávamos carinhosamente “as casinhas dos três porquinhos...”) e em 1988 em espaços disponibilizados pela Escola Superior de Tecnologia. Apesar da localização no Campus e da aproximação a uma “escola real” que tal proporcionou, muitas foram as

dificuldades que tivemos de ultrapassar pela coabitação de duas Escolas com diferentes culturas, estilos de trabalho e de liderança. A criação física da Escola em 1993 possibilitaria a mudança para esse espaço magnífico, idealizado para servir um projeto educativo, então já em velocidade de cruzeiro. A equipa de docentes cresceu e diversificou-se, os cursos multiplicaram-se, o espaço adaptou-se... os tempos determinaram as necessárias mudanças. Mas ainda assim é bom, ao fim de quarenta anos passados, sentir o mesmo e velho sentimento de orgulho de ter tido o privilégio de participar numa experiência ímpar de construção curricular e de ter tido a honra de coordenar a Formação Inicial e Contínua dos Educadores de Infância em tempos pioneiros.

Em jeito de conclusão

Em 1998 deixei a atividade que até então desenvolvera na ESE, mas nas funções que desempenhava no IPS continuei a interessar-me vivamente pela “minha” Escola, mas num papel de observadora, interessada, mas distante, de uma atividade formativa hoje muito diferente, quer em clima relacional, quer em objetivos educacionais que inelutavelmente se vão estreitando e “disciplinarizando”. Ao celebrarmos os 40 anos da ESE deixo aqui, apenas e tão somente, o meu testemunho do tempo em que fui parte de um grupo que sonhou a criação

de uma ESCOLA que se quis um projeto científico diferenciador, desde logo na dinâmica arquitetónica do próprio edifício, mas também na dimensão humana, acolhedora, securizante e integradora da equipa de professores e de funcionários que acreditaram, como diz José Carlos Godinho no hino que então compôs:

...Porque é na ESE de Setúbal!

Porque é na ESE de Setúbal!

Onde o sonho maior é fazer gente feliz

Vale a pena estar aqui!...

Nota curricular

Maria Cristina Corrêa Figueira Educadora de infância, trabalhou no Instituto da Família e Acção Social, onde foi coordenadora do Serviço de Acção Directa no Distrito de Setúbal. Tem uma longa experiência de formação de Educadores de Infância que iniciou em Angola como coordenadora dos primeiros cursos de Educadores de Infância do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII. Conferencista em inúmeros encontros nacionais e internacionais, foi responsável pelo desenvolvimento de projectos de investigação e inovação educacional. Foi consultora da Secretaria de Estado da Educação Fundamental do Ministério da Educação e Desporto do Brasil. Tem publicado artigos em revistas da especialidade e é co-autora em diferentes publicações nacionais e internacionais. Foi coordenadora da formação inicial e contínua da Escola Superior de Educação de Setúbal. A partir de 1999 foi eleita Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, cargo que ocupou até à sua aposentação, em 2006. Fez parte da Direção do Banco Alimentar contra a Fome de Setúbal, onde desenvolveu a sua actividade de voluntariado durante dez anos, após a aposentação.